

14 de Abril de 2004

## Sistema urbano: áreas de influência e marginalidade funcional

### COMPLEXIDADE DOS SISTEMAS URBANOS METROPOLITANOS OPÕE-SE AO RESTO DO PAÍS COM LÓGICAS DE ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL MAIS SIMPLES, ESTRUTURADAS EM TORNO DAS CAPITAIS DE DISTRITO

A hierarquia de centros urbanos construída e a delimitação das suas áreas de influência fornecem uma leitura do sistema urbano onde se distinguem os sistemas metropolitanos de Lisboa e Porto, mais complexos e que extravasam os limites administrativos das respectivas áreas metropolitanas (englobando, por exemplo, Braga, no caso do Porto, e Torres Vedras, no caso de Lisboa). O território não metropolitano continua a ser estruturado maioritariamente em torno de capitais de distrito. No entanto, um número reduzido de centros urbanos do interior estrutura mais de metade do território do Continente no acesso a bens e serviços.

O estudo “Sistema urbano: áreas de influência e marginalidade funcional” tem como principal objectivo a caracterização do(s) sistema(s) urbano(s) do território do Continente e da Região Autónoma da Madeira (R.A.Madeira), através da análise da hierarquia dos centros urbanos e das interações que entre eles se estabelecem com vista à aquisição de um conjunto de mais de uma centena de bens e serviços de diversas áreas (serviços e comércio, educação, saúde e segurança social, entre outras). Adicionalmente, procura caracterizar os níveis de marginalidade funcional dos territórios face a esses mesmos bens e serviços.

Procurou-se atingir este objectivo geral, recorrendo à informação da “Carta de equipamentos e serviços de apoio à população” (CESAP - 2002) e sob um modelo de análise que envolveu quatro etapas fundamentais:

- construção de uma hierarquia de funções de acordo com a raridade das mesmas;
- construção de uma hierarquia de centros urbanos com base nas funções que prestam;
- delimitação das áreas de influência dos centros urbanos, quantificando as mesmas em termos de número de freguesias, população e área;
- quantificação da marginalidade funcional dos territórios, analisando, quer a dotação das funções tendencialmente universalizáveis, quer o grau de marginalidade funcional dos territórios, face a funções mais especializadas.



Os resultados deste estudo são agora apresentados num formato de seis publicações regionais, com uma parte comum – apresentação da metodologia e análise do território do Continente e R.A.Madeira – e com uma parte específica de análise para cada região (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e R.A.Madeira). Estas publicações, actualmente disponíveis em suporte digital na página oficial do INE ([www.ine.pt](http://www.ine.pt)), serão editadas em suporte papel durante o mês de Maio.

Os resultados apresentados constituem um contributo para o debate sobre a dimensão territorial da “Coesão” nas instâncias da União Europeia que tem vindo a tornar-se fulcral no estabelecimento de metas para as dimensões económica e social que aquele conceito comporta.

### **Organização do território: a leitura através das áreas de influência para funções muito especializadas**

A área de influência de um centro urbano é definida pelo território que se encontra funcionalmente dependente daquele centro urbano, para um determinado número de funções. Neste sentido, as áreas de influência diferem consoante as funções que estão a ser analisadas:

- teoricamente, funções de nível superior - mais raras - (por exemplo, hospital geral) restringem o número de centros urbanos susceptíveis de possuírem áreas de influência e definem áreas de influência de maior dimensão;
- funções de nível inferior e, por isso, mais frequentes (por exemplo, mini-mercado/mercearia), tornam um maior número de centros urbanos elegíveis e projectam áreas de influência, tendencialmente, de menores dimensões.

Dos quatro níveis de funções definidos<sup>1</sup>, é a geografia das áreas de influência de funções muito especializadas, aquela que melhor traduz a organização do território a nível nacional e regional, porque sintetiza as lógicas de dependência dominantes de âmbito supramunicipal.

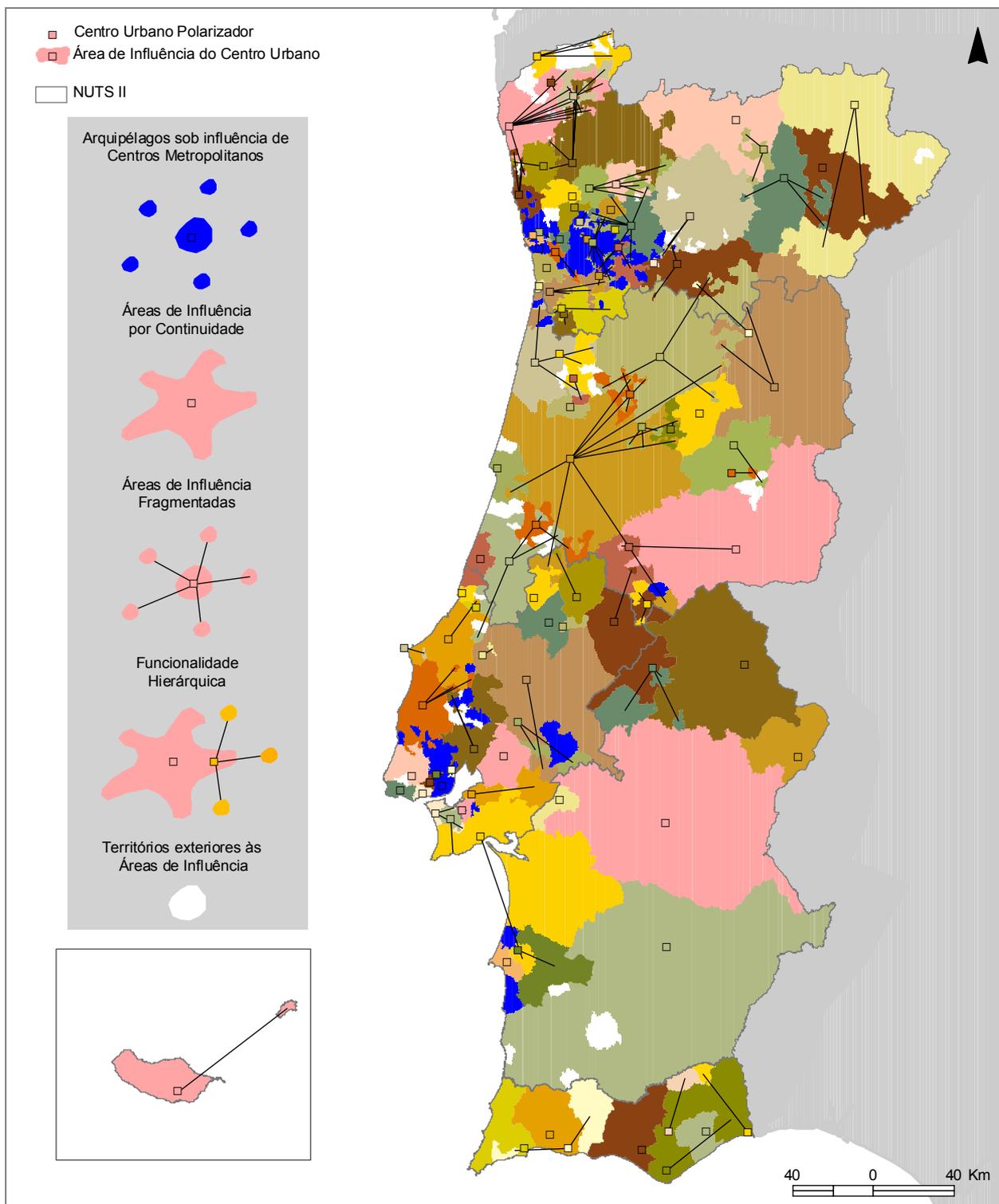
A figura seguinte releva com clarividência um Portugal continental interior funcionalmente organizado em torno de um número reduzido de centros urbanos a um litoral funcionalmente mais complexo e organizado em torno de vários centros urbanos. Esta leitura de base territorial que é bem expressa no facto de mais de 50% do território do Continente se organizar, para aquisição de funções muito especializadas, em torno de apenas 9 centros urbanos (Beja, Évora, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Portalegre, Bragança, Viseu e Setúbal) maioritariamente do interior, opõe-se a uma outra, demográfica em que mais de 50% da população está sob influência de apenas 17 centros urbanos (Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Vila Nova de Gaia, Sintra, Viseu, Funchal, Amadora, Aveiro, Setúbal, Guimarães, Leiria, Almada, Santarém, Santa Maria da Feira, Cascais), predominantemente do litoral.

---

<sup>1</sup> Funções muito especializadas (por exemplo, hospital geral ou hipermercado), funções especializadas (por exemplo, tribunal ou agência de viagens), funções pouco especializadas (por exemplo, escola de condução ou agência bancária) e funções não especializadas (por exemplo, serviço de fotocópias ou gás).



Áreas de Influência dos centros urbanos para funções muito especializadas



Distinguem-se quatro tipos de áreas de influência:

- *Áreas de influência por continuidade* - correspondem ao desenho territorial mais próximo dos esquemas teóricos de áreas de influência, ocorrendo em territórios onde a rede urbana é pouco densa e bem estruturada. Aparecem com maior nitidez no Alentejo (por exemplo, Évora e Beja), onde a estrutura de povoamento é bastante concentrada e os centros urbanos distantes entre si, e no interior do país, onde escasseiam centros urbanos com índices de centralidade significativos (por exemplo, Guarda e Castelo Branco).
- *Áreas de influência fragmentadas* - revestem-se de um significado oposto ao das áreas de influência por continuidade e ocorrem em territórios com lógicas funcionais mais complexas, onde a relação entre distância física e distância-tempo é menos linear, com uma maior densidade de centros urbanos relevantes e, por isso, propícias ao desenvolvimento de estratégias de competição/complementaridade entre centros urbanos. Estas áreas envolvem espaços que, muitas das vezes, estão mais próximos fisicamente de outros centros urbanos que não os que sobre si exercem efectivamente influência. Surgem assim, predominantemente, associados a centros urbanos do litoral, especialmente, na Região Norte.
- *Arquipélagos sob influência de centros metropolitanos* - são áreas de influência fragmentadas dependentes dos centros metropolitanos tradicionais - Lisboa e Porto - e onde as características anteriormente referidas assumem o máximo relevo. De facto, é nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto e áreas envolventes que se encontra a maior densidade de centros urbanos com elevados índices de centralidade e onde as lógicas de competição/complementaridade são mais fortes. Para além disso, é nestas áreas que a rede de transportes é mais densa, mas fortemente delineada em função dos centros metropolitanos, permitindo que estes captem sob sua influência territórios mais distantes.
- *Esquemas de funcionalidade hierárquica* - correspondem também a áreas de influência fragmentadas mas em que o território, que constitui o centro urbano polarizador, está sob influência de outros centros urbanos que tendencialmente detêm índices de centralidade mais elevados. Esta lógica de funcionalidade hierárquica ocorre sob moldes das áreas de influência por continuidade (por exemplo, área de influência de Vila Real de Santo António que se encontra sob influência de Faro) ou das áreas de influência fragmentadas (por exemplo, Albergaria-a-Velha, que se encontra na área de influência de Aveiro), sendo que estas têm especial incidência nas áreas metropolitanas e espaços envolventes (por exemplo, Penafiel, que se encontra sob influência do Porto; Sacavém que se encontra sob influência de Lisboa).

Destacam-se ainda *territórios exteriores às áreas de influência* que representam lógicas de funcionamento não integradas nos centros urbanos delimitados neste estudo, ou porque os fluxos de saída da freguesia em questão são demasiado difusos (o que implica que passe a ser a própria freguesia o destino preferencial, ainda que por um número mínimo de funções), ou porque estas freguesias estão integradas funcionalmente com outros territórios exteriores aos centros urbanos delimitados.

## Hierarquia dos centros urbanos, redes urbanas e territórios marginais

Os centros urbanos apresentam-se como nós territoriais, concentrando funções estruturantes na organização do quotidiano de populações que residem para além dos seus limites. Foi estabelecida uma hierarquia de centros urbanos que depende do número e tipo de funções aí disponíveis.

Estes centros urbanos encontram-se organizados em redes mais ou menos complexas, expressas através de relações de dependência (ou integração) que implicam a mobilidade das populações entre centros com o objectivo de adquirir bens e serviços. Tais relações, induzidas por funções muito especializadas e funções especializadas, permitiram identificar subsistemas urbanos.

A geografia dos subsistemas urbanos coloca em evidência a complexidade dos dois sistemas metropolitanos e o papel estruturante que os centros de Lisboa e Porto assumem. De facto, as relações existentes com os centros de Lisboa e Porto fazem-se, predominantemente, por centros urbanos com capacidade de estruturar áreas de influência para funções muito especializadas (por exemplo, Sintra e Matosinhos) e traduzem na sua maioria lógicas de dependência face àqueles dois pólos.

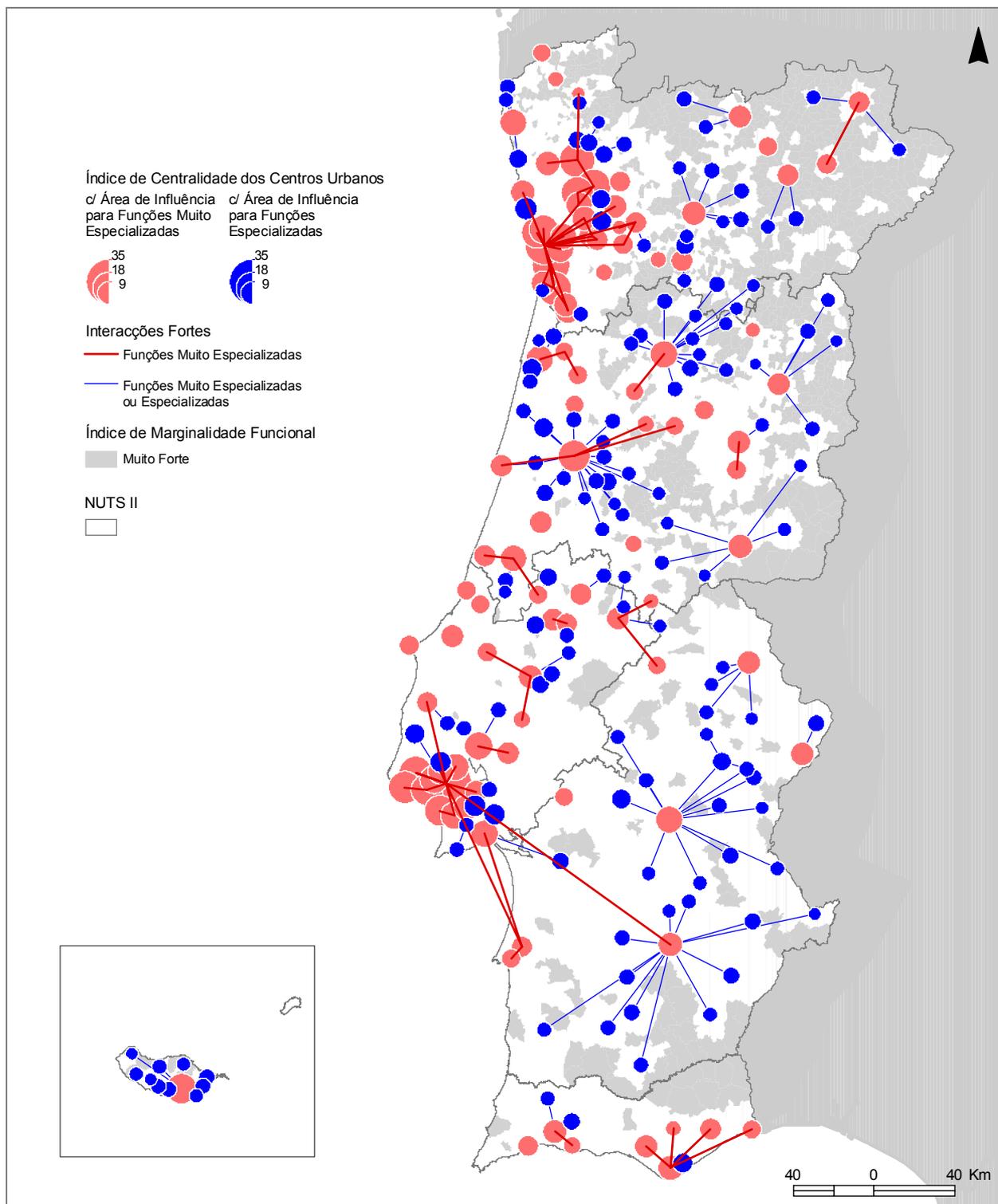
Para além disso, a complexidade do sistema metropolitano centrado no Porto, não se esgota em centros formalmente integrados na área metropolitana administrativa, alargando-se para nordeste, onde para além da dependência directa ao Porto, se desenvolvem lógicas de dependência/integração que expandem indirectamente este subsistema até, por exemplo, Braga ou Vila Nova de Famalicão. O sistema metropolitano de Lisboa, apesar de ser territorialmente mais concentrado, polariza pontualmente centros urbanos distantes e com um papel estruturante nas áreas em que se inserem. De facto, Torres Vedras, Santiago do Cacém e Beja funcionam como pólos de âmbito subregional e estruturam, eles próprios, sistemas urbanos mais ou menos complexos, salientando-se o caso de Beja. Estas características dos subsistemas urbanos centrados em Lisboa e Porto traduzem-se em autênticos arquipélagos metropolitanos, no caso do Porto mais concentrado territorialmente na área metropolitana e nos vales subregionais (por exemplo, do Ave e do Sousa); no caso de Lisboa concentrado nos centros da área metropolitana, mas com extensões pontuais aos subsistemas urbanos do Oeste, Alentejo Litoral e Baixo Alentejo.

A generalidade dos restantes subsistemas urbanos caracterizam-se por serem organizados em torno de um único centro urbano com capacidade de estruturar áreas de influência para funções muito especializadas, do qual dependem um número mais ou menos significativo de centros urbanos de ordem inferior. Esta estrutura de organização em estrela remete para um modelo hierárquico estruturado sob relações de dependência, onde a baixa densidade de pólos estruturantes e a concentração de massa crítica num número reduzido de centros constituem barreiras ao desenvolvimento de estruturas relacionais mais complexas.

De forma desintegrada do funcionamento destes subsistemas, encontra-se um conjunto de freguesias, localizadas sobretudo no interior Norte e Centro e no território serrânico entre o Alentejo e o Algarve, que registam elevados índices de marginalidade funcional. Esta desintegração torna-se visível, por exemplo, pelo facto de, em áreas muito próximas de centros urbanos com áreas de influência para funções especializadas, e mesmo em alguns

casos para funções muito especializadas, se encontrarem freguesias com marginalidade funcional muito forte (veja-se, por exemplo, a situação de Trás-os-Montes).

**Sistema Urbano Nacional: uma síntese**



## O que é a Carta de Equipamentos e Serviços de Apoio à População (CESAP)?

A operação estatística “Carta de Equipamentos e Serviços de Apoio à População 2002”, que decorreu entre Maio e Julho de 2002, para além de inventariar, ao nível da freguesia, cerca de 400 tipos de equipamentos e serviços de natureza pública ou privada, permite também caracterizar a acessibilidade das populações a esses equipamentos e serviços. Os domínios objecto de inquirição repartem-se pelas seguintes áreas temáticas: Serviços e Comércio; Locais de Culto; Acolhimento Empresarial; Ambiente e Energia; Transportes e Comunicações; Ensino; Saúde e Segurança Social; Desporto; Cultura e Lazer; Alojamento Turístico e Atracções Turísticas.

Na sequência desta operação estatística, realizada em simultâneo e de forma harmonizada nas cinco regiões do Continente e na Região Autónoma da Madeira, o Instituto Nacional de Estatística editou as respectivas publicações regionais, nas quais se divulgam os principais resultados regionais e municipais da CESAP 2002. O conteúdo destas publicações encontra-se também disponível na página oficial do INE (<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/public.asp?Tema=A&subtema=24>).

A disponibilização da informação é efectuada através de um conjunto de quadros que reflectem, para um total de 57 equipamentos/serviços, as freguesias equipadas e a população que aí reside, destacando-se a informação das freguesias integradas (total ou parcialmente) em cidades. Complementarmente, em cada publicação regional e para a região NUTS II, apresenta-se um gráfico com a comparação percentual das freguesias equipadas e da população que nelas reside. Disponibilizam-se ainda diversas fichas de análise para os equipamentos ou serviços mais importantes, que incluem mapas temáticos e textos de interpretação sintéticos.

Os resultados divulgados nestas publicações são globalmente comparáveis com os das anteriores edições dos Inventários Municipais, uma vez que se mantiveram os principais indicadores.

